

# Crónica ... assim de ti em dezembro, fatal

Só há pouco reparei estares hoje bem mais bonita...! tu sabes... não sou de mentir... só uma vez... conclui ser verdade, quando o pardalito *Fidalgo* traçou morrer de solidão penso eu, aí pelas chuvas de Dezembro, quando desloquei o mindinho da mão direita mas escondi de ti. Cessou naquela árvore, aquela, onde faziam ninho habitualmente. Num dia que o sol desamarrou das nuvens, foi quando tricotavas na varanda, coitado, veio espetar-se desamparado de quilha mesmo em direcção à terra (nem deste por isso) a que o chinês do restaurante ainda hoje teima reavivar vergado nas costas para esquarterjá-la incessante, donde surgem legumes é verdade, enquanto esventra-a ele sorri e nós vemos rebentos serem gordos, lembras? É tão raro dizer-te isto reconheço, ainda há pouco, reparei na tua beleza, como és graciosa não recordo alguma vez pintares os lábios mesmo depois de secares o cabelo ou até quando arranja, hoje, as unhas. Nunca te vi com mini-saia por exemplo, sequer alguma vez fazer nuances ao cabelo nos enfeites daquelas cores berrantes parecem gritar serem espampanantes, tão-pouco andares de saltos altos ecoar desleixos sentidos ruidosos para a vizinhança reclamar na reunião de condomínio. Só agora se calhar por reparar estares bem mais bonita seja verdade de mim... tu sabes, fui sempre parco de palavras, afinal foste sempre bonita mas hoje já tenho coragem dizê-lo, geralmente dou comigo

apreciar vazios, julgo fazerem sentido, mas eu que não posso pintar-me como tu sou feliz neles, nesses vazios até raramente partilho mas críticas continuamente enquanto fazes palavras cruzadas depois inesperada revolucionas a trouxe mocho ajeitar o cabelo o brinco - ... *que dia é hoje?* no meu silêncio viciado ler coisas nos livros tento a custo sequer estilhaçar nem pouco falsear apesar jamais poder ver-te repetir as mesmas palavras nesse jogo da revista barata quando teimas



comprar semanalmente a caminho da praça, tentas afinal simular problemas quando iniciam na letra d, eu num silêncio embrulhado incomodativo para ti reconheço, queria muito falar de Dezembro maiúsculo era contigo olhar as

árvores que ainda têm pássaros, admirarmos chegados apesar depenadas não tardam desamparadas flageladas nesta altura nos brutos salpicos marejados, enfim, do vento que o bugio anuncia negar cada início da invernia mas tu agora raramente já olhas para mim, naquele olhar que tentava amar, sobrava sempre contudo desarmado quase parecia ausente então nada presunçoso noutras coisas, quando realmente fui amada e o tempo mudava arrogante pessoas e sentimentos - *se já é Dezembro dizes, passou um verão já decerto bonito naquela sombra da árvore quando os netos efusivos aprenderam agarrar borboletas, simular na rede trejeitos por verem seres presos então, agarravam desajeitados na chilreada da abóbada mas diziam que devia cuidar-me* - sossega, todas são fatais... as mulheres..., mesmo que não se pintem sequer alinhem o corpo nos cremes e sabonetes tricolores e gastem o espelho e volteiem depois surge algo quase errado... - *se é Dezembro dizes amor, as folhas não acatam graça vivaz, apenas calam-se, sós caírem sós disformes amareladas até, desfraldam nas estradas entre carros, nos lancis, nos passos ritmados dos apaixonados, vejo, agora, não saber-me pintar...*

- sossega... o teu mundo existe naturalmente, assenta amor... és assim e gosto, eu procuro-te...